Ano XVI — Fátima, 13 de Junho de 1938 — N.º 189

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Emprêsa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

Curas Miraculosas?

Dois processos canónicos

Em 13 de maio de 1937 deram-se em Fátima duas curas repentinas. As agraciadas foram a Senhora D. Glória Ferreira da Rocha Malheiro, casada com o Sr. Dr. António Malheiro de S. Freire, advogado na vila de Paredes, diocese do Pôrto e a menina Natália Maria dos Santos, de Lisboa.

Para verificar se as curas permaneciam, reüniram-se em 13 de outubro a Senhora D. Maria Meireles Pinto, Médica, e os Srs. Dr. Pereira Gens, Dr. Gualdim Queiroz, Dr. Rasteiro Campos, Dr. Américo Cortês Pinto, estando presentes o Senhor Bispo de Leiria, Monsenhor Pereira Lopes, vigário geral da Diocese do Pôrto, etc..

Pela exposição das agraciadas e pelo exame médico verificou-se claramente que as curas permaneciam, mas foram todos de opinião que deviam voltar em 13 de maio de 1938.

Efectivamente voltaram e, no fim das cerimónias da Peregrinação, houve nova reünião numa das dependências do Hospital sob a presidência de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, assistindo os Senhores Bispos do Pôrto, de Leiria e de Vila Real assim como os Srs. Médicos Dr. P. Gens, Dr. Gualdim, Dr. Augusto Mendes, outros e várias pessoas.

Ouviram, mais uma vez, a exposição das agraciadas, que foram de novo interrogadas, resolvendo, em face do exposto, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca e o Senhor Bispo do Pôrto mandar instaurar o processo canónico para cada um dos casos nas suas respectivas dioceses.

Eis o relato resumido das curas e suas circunstâncias às quais a «Voz da Fátima» ainda não se referiu:

D. Glória Ferreira da Rocha Mealheiro

A 10 de Junho de 1937 o Rev. Pároco da freguesia da Vila de Paredes P.e Manuel Moreira Neto escrevia a Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria uma carta a narrar-lhe o acontecido.

É dessa carta que extraímos os períodos seguintes:

«Poucos dias antes da partida a Senhora D. Glória disse ao confessor: *«Estou com grande escrúpulo de ir à Fátima. Sabe que não vou lá para pedir a minha cura mas para entregar as minhas filhas a Nossa Senhora: Ora, estes descrentes, quando me virem regressar na mesma, não ficarão a escarnecer e blasfemar mais de Nossa Senhora?»*

Tranqüilizada, partiu, no dia 11 para Leiria, com o marido e filhas, levando consigo uma preciosa relíquia de Santa Teresinha. Fêz a viagem, deitada num colchão, feito de propósito para o automóvel, de que tiraram o assento ao lado do volante. O marido pediu ao médico assistente o atestado, a dizer apenas que precisava de ser internada no hospital, sem descer a pormenores da doença, visto não ir pedir a cura, como ela declarava.

Na Fátima, pouco antes de ser transportada para a Missa dos doentes, disse a Nossa Senhora: *«Ó Minha Mãe do Céu mandaram-me pedir-Vos a minha cura; e por obediência peço. Se fôr da vossa vontade curar-me, para manifestardes a vossa glória, curai. Mas, minha Mãe querida, eu de muito boa vontade cedo a minha cura, em favor de qualquer dêstes doentinhos. E vou muito contente, assim, para minha casa, continuar a sofrer, até Vos ir ver no Céu».*

A mim, parece-me, Senhor Bispo que foram estas palavras as que chegaram bem ao Coração da Senhora, saídas como eram dum coração que A ama com filial ternura.

Antes de sair do hospital, bebeu um copo da água miraculosa. E, quando a imagem da Senhora passava, entre os doentinhos, para a Missa, houve entre a Senhora e a nossa doente qualquer coisa que ela apenas quis contar ao confessor; e a doente ergueu-se, sentou-se na maca, dizendo, de mãos erguidas, e os olhos em lágrimas, postos na Senhora: *«Ó Minha Mãe do Céu, tomai conta das minhas filhinhas!»*

Sentiu nesse instante que estava curada. Teve uma impressão que traduz dizendo que *«foi como se estivesse tôda prêsa por cordas, que naquele momento fôssem cortadas»*.

Ao sentir-se curada levou a mão ao corpo, a ver se tinha dores; e não as sentindo, ela que tanto amava o sofrimento e tão feliz se sentia nestes três anos e meio de martírio, volta-se para Nossa Senhora, e como náufraga agarrada à derradeira tábua, diz-lhe baixinho, mas com tôda a alma, e por três vezes: *«Ó Minha Mãe do Céu, eu antes quero sofrer no meu quarto do que ofender-Vos. Eu sòzinha nada posso»*. E ficou, depois, alheia a tudo, prêsa só a Nossa Senhora, sem sequer saber onde estava a imagem querida, com que, só deu, a certa altura da Missa.

Receando porém, que tudo aquilo pudesse ser uma ilusão, não quis dizer nada da vida nova que sentia em si.

Apenas, no hospital, disse à filha mais nova: *«Eu creio que já podia ir a pé para o carro: mas cala-te»*.

No automóvel, ela que, há meses, fazia apenas uma minúscula refeição por dia, comeu, e carnes frias, com excelente apetite. À noite em Coimbra, voltou a comer bem no hotel.

É engraçado ouvir o marido dizer que Nossa Senhora, ao mesmo tempo que curou a doente, lhe vendou os olhos, para não dar logo fé da cura: a-pesar-de a ver fazer movimentos que, de há muito não fazia; tomar posições no carro; beber muita água na Fátima (desde a operação não a bebia); comer e até sentada, direita, à mesa, no quarto do hotel, etc., etc., a tudo opunha êle êste pensamento amargo: *«Não: ela não foi miraculada, pois, se Nossa Senhora a curasse, ela já mo tinha dito.»*

No dia 14, ao sair de Coimbra, ainda o marido a desceu ao colo para o carro e assim a subiu ao chegar nessa tarde a Paredes.

Só no dia 15, é que ela, de manhã, viu que não era ilusão, pois andava perfeitamente; e só então é que deu a conhecer à família a grande graça que Nossa Senhora lhes fizera na Fátima. O médico, muito competente, que, há talvez dois anos a tratava e tinha declarado que era um caso inteiramente perdido (coitado, não compreendia o milagre, por nunca o ter palpado, como queria) diz que está pronto a fazer um relatório minucioso, mas que prefere deixar passar mais tempo para pôr bem os dados posteriores à cura em confronto com os anteriores, de forma que não possa suscitar dúvidas. Mas, disse logo à doente, que não se canse de ir agradecendo a Nossa Senhora.

A cura tem-se mantido e acentuado sempre.

Aos primeiros dias custava-lhe muito a suportar o piso das ruas, o que o médico não estranhou, visto ela estar só pelos ossos (37 quilos); e, como o médico notou, podendo dizer-se quási paralítica, havia três anos e meio. Agora já vem à missa, todos os dias, sem dificuldade, em passo normal.

Através dêste milagre, quantas graças não terá Nossa Senhora destinado para esta pobre freguesia!...»

D. Natália Maria dos Santos

É uma testemunha de vista que nos conta como se deu a cura. A narração é extraída duma carta escrita três dias depois da cura.

«Natália Maria dos Santos, de 20 anos de idade e residente na Rua Fernando Palha, n.º 17-2.º Esq.º, ao Poço do Bispo-Lisboa, foi levada a Nossa Senhora da Fátima, pela Ex.ma Senhora D. Maria José Mascarenhas Novais de Atayde, por aquela lhe ter pedido, pois com a maior devoção desejava ir ali pedir o amparo de Nossa Senhora, para o seu mal, visto que desde os 11 meses de idade sofria de uma doença na espinha, que a impossibilitava de estar sentada, andando com a maior dificuldade, a-pesar-de se ter sujeitado a várias operações, de que se viam várias cicatrizes atrás da orelha direita.

Chegada a Fátima, deu entrada no Hospital para o fim do respectivo exame médico, e seguidamente deitada numa maca foi levada pouco antes da Missa dos doentes, para o recinto reservado a estes.

Numa posição, que a todos comovia, pois estava deitada de costas, envolta em um cobertor de lã, de olhos cerrados, mãos postas sôbre o peito, tendo entre elas um branco Rosário, ao receber a bênção soluçava convulsiva e aflitivamente.

Momentos depois estremece, estende as mãos ao longo do corpo, abre os olhos fixando-os no Céu, fica imobilíssima, de uma palidez de cêra e sem que qualquer movimento real apareça, dá-nos a tristíssima impressão de que naquele momento vai morrer!

Apavorante dor se lê nos assistentes de semelhante peregrinação de Fé, e é então que uma Senhora, que creio ser a Ex.ma Senhora D. Teresa Teles da Silva (Tarouca), Servita do Hospital, vendo-a em tal imobilidade, tenta chamar-lhe a razão, nada conseguindo a-pesar dos maiores e mais carinhosos esforços que emprega, pelo que, cheia de dor corre em procura de um médico, desejo que eu igualmente procuro, pedindo a um Servita que ràpidamente chama o primeiro médico que encontre, pois eu tinha a triste impressão de que a pobre Senhora ia morrer!!

O médico chega sem delonga, tenta reanimá-la e é só passados alguns instantes quando tentam conduzi-la para o Hospital, que ela diz:

«Deixe-me ficar aqui».

O médico retira-se.

São findas tôdas as rezas; os Servitas pegam novamente no andor de Nossa Senhora para a conduzirem para a sua Capela das aparições, e é então que Natália pede à menina Maria Bruno Mascarenhas Novais Ataíde, que também nunca a desamparou, e à Senhora de Tarouca, que a ajudem a levantar, pois quere sentar-se, ao que eu prestei o meu concurso ajeitando-lhe a almofada e o próprio colchão, de maneira a dar-lhe uma maior comodidade, e é neste momento, que o supremo, que o Santo Milagre é consumado!!

Natália levanta-se então, e unânime é o pasmo e a alegria de todos que assistem a essa cura que Nossa Senhora lhe concede, pela imensa Fé daquela infeliz de tantos anos!

A menina Bruno comovidíssima até às lágrimas e em sufocante chôro, pregunta-lhe: *Então, tu estás boa, rapariga?!*

Natália diz-lhe, então: *«Por favor ajude-me a levantar... sinto-me boa...*

Neste momento, todos correm para ela e é com uma dificuldade fácil de calcular, que a miraculada vai agradecer a Nossa Senhora, o sublime Milagre com que acabava de a distinguir!

A multidão é tão compacta que a Procissão não pode prosseguir, pelo que foi resolvido conduzi-la ao Hospital a meio da maior dificuldade, pois todos queriam tocar-lhe e nisso se contentavam.

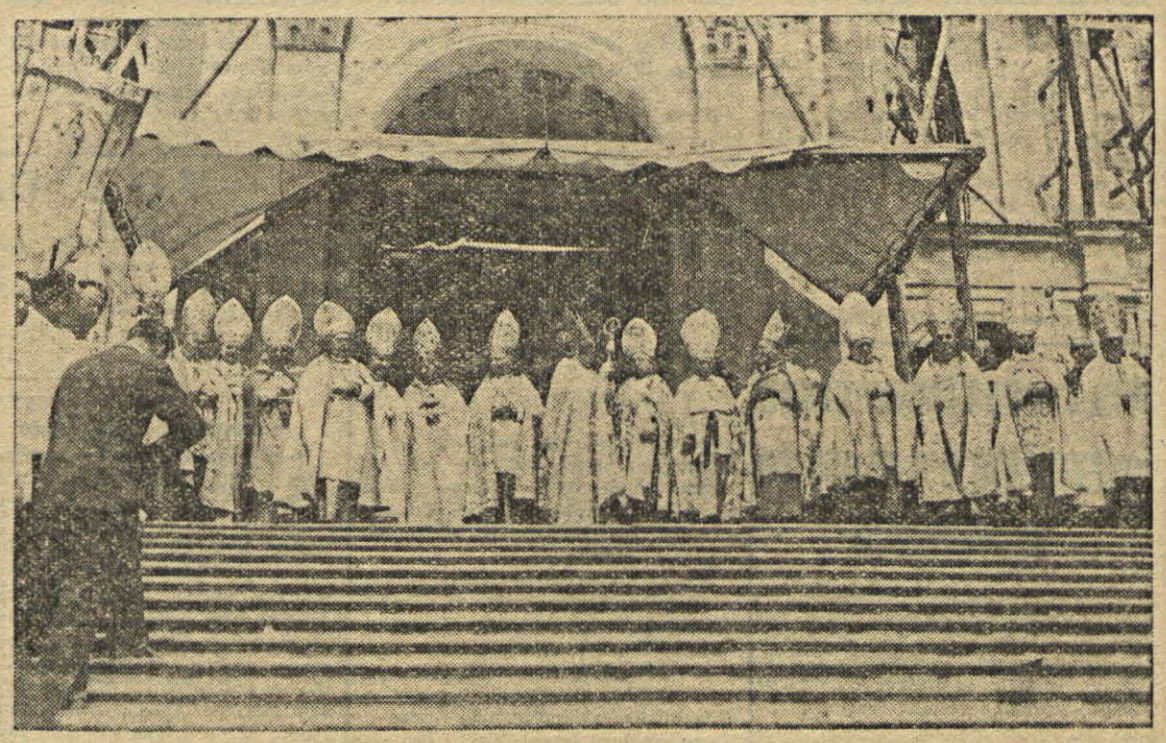
Ao chegar à capela do Hospital, ajoelha com facilidade, reza muito, levanta-se sem sacrifício, sob a admiração e o júbilo de todos os presentes!!

Seguidamente foi examinada pelos médicos do serviço.

Um mero acaso me fêz estar junto da maca em que Natália estendida sofria, sentindo-me feliz adentro dessa casualidade, pois assim, tudo vi e tudo observei, cheio do maior contentamento, com o grande alvorôço da minha alma de crente, em que a Fé jamais se extinguirá.

Borba, 16 de Maio de 1937

João de Valladares Vieira Lacerda



N/. FÁTIMA—13 DE MAIO—O Venerando Episcopado antes de dar a bênção a todo o povo.

A VEZ DA JUVENTUDE

Depois da protecção divina que não pode faltar à formosíssima ideia do *Livro de oiro* a oferecer a Nossa Senhora de Fátima com os nomes das pessoas que se comprometem a rezar o têrço do rosário todos os dias, vem agora o gesto da Juventude que a abraça e adopta coma coisa sua.

Já na diocese de Leiria os vários organismos da J. C. e da J. C. F. tinham trabalhado a valer na propaganda dessa ideia.

Agora surge uma nova e mais larga dedicação.

É a J. E. C. que pela boca do seu Presidente Geral, na Fátima, na manhã de 13 de Abril, ao terminar o retiro da J. E. C. em que haviam tomado parte umas quatro dezenas de Jecistas, promete solenemente levar a J. E. C. de Portugal a trabalhar decididamente pelo aumento do número de devotos de Nossa Senhora que tomem o compromisso solene da recitação diária do têrço.

Não foi sem comoção que ouvi essa promessa solene feita em frases elegantes, mas simples e sinceras.

A J. E. C. prometeu!

A J. E. C. cumprirá!

E entre os nomes de milhares de devotos recitadores diários do têrço do rosário nós teremos a alegria e a consolação de ver os muitos nomes de estudantes que ficarão devendo como outros mais antigos, à devoção a Nossa Senhora, a graça da conservação da fé e preservação da virtude no meio de tantos perigos.

Bem haja a J. E. C..

E que Nossa Senhora da Fátima a abençôe!

A grande peregrinação Nacional

O voto do venerando Episcopado

Cêrca de meio milhão de peregrinos acorreram no dia treze de Maio último de todos os pontos do país ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, numa manifestação imponentíssima de fé e piedade, como nenhuma outra de-certo jamais se realizou até hoje nesta bemdita terra de Portugal.

Em união com os seus legítimos Chefes espirituais, os Pastores e representantes da Santa Igreja, a nação inteira foi ajoelhar aos pés de Maria, no lugar onde ela se dignou erguer o trono mais esplendoroso das suas glórias e das suas graças, para testemunhar à nobre Padroeira o seu reconhecimento por haver escapado à espantosa tragédia comunista e ao mesmo tempo implorar novos favores da sua poderosa intercessão junto do Altíssimo.

Essa homenagem solene e incomparável de gratidão e amor filial à Virgem Santíssima, a que se associaram todos os portugueses da Metrópole e do Império e um sem número de estranjeiros devotos da augusta Rainha da Fátima nas cinco partes do mundo, ficará para sempre gravada em letras de ouro nas páginas fulgurantes da nossa História como o maior acontecimento nacional de todos os tempos. O cumprimento do voto dos Venerandos Prelados redundou assim numa apoteose magnífica à excelsa Mãe de Deus no Santuário da sua predilecção, onde Portugal crente, em pêso, foi rezar, cantar e chorar...

Bemdita seja Nossa Senhora da Fátima que nessa estância privilegiada, onde se dignou aparecer, há vinte e um anos, a três inocentes pastorinhos, fêz bilhar nova aurora de paz, de esperança e de felicidade para o seu povo — o povo da *Terra de Santa Maria*.

Que ela tome nas sua mãos puríssimas os votos e as preces que a nação fidelíssima oficialmente lhe dirigiu e os apresente perante o trono de seu Divino Filho para glória de Deus, honra da nossa querida Pátria e bem de tôda a humanidade!

A Procissão das Velas

São quási dez horas da noite.

O rev. dr. Marques dos Santos, capelão-director das Associações dos Servos e Servas de Nossa Senhora do Rosário, anuncia, por intermédio dos alto-falantes, que vão principiar os actos oficiais da peregrinação nacional.

Pouco depois forma-se a procissão das velas. Mas é tão compacta a multidão dos fiéis que mal se distingue a coluna de fogo do cortejo que coleia, pelas extensas avenidas da esplanada. O *Avè* cantado por dezenas de milhar de bôcas é dum efeito maravilhoso. Apodera-se de tôdas as almas uma comoção profunda. De muitos olhos que nunca tinham chorado senão na infância, brotam doces lágrimas de ternura... O espectáculo, que é absolutamente indescritível, assombra e extasia.

A adoração nocturna

Já passa da meia-noite. A Cova da Iria é ainda um vasto mar de fogo. No altar exterior da Igreja em construção expõe-se solenemente o Santíssimo Sacramento, no meio de grande profusão de luzes e flores. Começa a tocante cerimónia da adoração geral. A *Schola cantorum* do Seminário de Leiria entoa o *O Esca viatorum*. Junto do microfone, o rev. dr. Marques dos Santos recita as orações e faz as invocações. Estão presentes todos os Prelados de Portugal à excepção de um, por doença, e outro, por estar fora do país. Como de costume, reza-se o têrço do Rosário. O Senhor Bispo do Pôrto profere tocantes alocuções nos intervalos das dezenas, explicando os mistérios dolorosos.

Às duas horas termina a adoração geral.

Das duas às três horas, a adoração foi feita pelas peregrinações de Maiorca, Coímbra, Foz do Douro, Estoril, Santa Maria do Olival, Almeirim e Ancião.

Fêz as práticas o rev. Manuel Dias da Costa, abade da Foz do Douro.

Presidiu o pároco do Estoril, Monsenhor António José Moita.

Das três às quatro, fazem a adoração os peregrinos de Cesimbra, Cascais, Santo Condestável e S. Tiago de Lisboa, e Filhas de Maria de Portugal.

Das quatro às cinco, a adoração é feita pelos do Turcifal, Alcântara e Obra das Criadas da Guarda.

As meditações foram feitas pelo Senhor D. João de Oliveira Matos, Bispo Auxiliar da Guarda.

Das cinco às seis, pertenceu o turno de adoração aos peregrinos de Portalegre, Lamego e Pocariça.

A Missa da Comunhão geral

Às seis horas e meia, principiou a Missa dialogada da Comunhão geral que foi celebrada pelo Senhor Arcebispo de Braga, Primás das Espanhas.

Do lado do Evangelho assistiram as deputações da Liga de Acção Católica Feminina e, do lado da Epístola, representações diocesanas da Juventude Católica Feminina com os respectivos estandartes. Estas últimas perfaziam um total de quatro a cinco mil raparigas.

Entre a multidão encontram-se as peregrinações diocesanas do Algarve, com setecentas pessoas, a de Viseu, cada uma delas presidida pelo seu respectivo Prelado, e a de Bragança e Miranda, com cêrca de seiscentas pessoas, sob a direcção superior do Reverendíssimo Vigário Capitular.

O rev. Domingos da Apresentação Fernandes fazia ao microfone piedosas invocações a que respondia a multidão dos fiéis.

Ao *Communio* cinqüenta sacerdotes distribuíram o Pão dos Anjos a mais de quarenta mil pessoas.

A bênção das bandeiras da Mocidade Feminina Portuguesa

Às 8 horas o Senhor Bispo do Pôrto celebrou a S.ta Missa e, a seguir, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa procedeu à bênção solene dos guiões e castelos da Mocidade Feminina Portuguesa, proferindo uma bela alocução alusiva ao acto.

Estavam presentes 450 filiadas nêsse organismo nacional que representavam todos os distritos do país.

Durante a cerimónia um avião fêz interessantes evoluções por cima do local das aparições a grande altura.

Os coros falados

Às dez horas, na escadaria monumental da futura Igreja, a Juventude Católica Feminina e a Liga de Acção Católica Feminina executaram a primor, sucessivamente, cada uma um côro falado, expressamente composto para esta ocasião.

Preside Sua Eminência e assistem os outros Prelados e o sr. Ministro das Colónias.

Os coros, na sua execução verdadeiramente admirável, são calorosas afirmações de fé, em diálogo vibrante, feito de pequenas frases destacadas que ressoam por tôda a extensão do local sagrado.

Depois dos coros, o Senhor Cardial pronunciou algumas palavras de agradecimento, em nome do Venerando Episcopado, e concluiu dizendo:

«Os Bispos Portugueses saúdam em vós as filhas de Deus, as puras, as eucarísticas, as sacrificadas irmãs de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei dos homens!»

Uma prolongada salva de palmas coroou a breve mas eloqüente alocução do ilustre Príncipe da Igreja.

A primeira Procissão de Nossa Senhora

Pouco depois do meio-dia, o Senhor Bispo de Leiria presidiu à recitação do têrço na capela do Hospital, estando presentes os demais Prelados.

Em seguida efectuou-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, desde a Capelinha das aparições até ao altar exterior da Basílica, onde foi colocada sôbre um pedestal do lado do Evangelho. Levam o andor os Servitas. A multidão, jubilosa e comovida, saúda e invoca, canta e chora. As aclamações redobram cada vez mais de entusiasmo, atingindo as raias do delírio. Milhares de braços erguidos agitam lenços. Entretanto duas lindas pombas brancas, soltas por mãos desconhecidas, voam por cima daquêle oceano de cabeças humanas e vão pousar no andor aos pés da Imagem da Virgem sôbre a qual caem sem cessar núvens de flores. Logo atrás, formando duas alas e fechando o esplêndido cortejo, em que tomaram parte numerosos sacerdotes e seminaristas, as Servas de Nossa Senhora do Rosário, Irmandades e Confrarias, grupos dos diferentes organismos da Acção Católica e da Mocidade Portuguesa, seguem os venerandos Prelados com as suas capas de lhama de ouro e prata e as suas mitras refulgentes de pedrarias.

Centenas de estandartes ou antes quinhentos mil corações faziam a guarda de honra à nobre Padroeira de Portugal...

À Missa dos doentes

Celebrou a Missa dos doentes Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, servindo de acólitos os rev.mos cónegos dr. Carneiro de Mesquita e Feliciano da Assunção.

No fim do Santo Sacrifício o augusto Celebrante deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a cada um dos doentes que, prèviamente inscritos no Pôsto das verificações médicas, ocupavam o recinto que lhes era reservado na esplanada. O seu número era de cêrca de 550.

Foi então que se produziram algumas curas extraordinárias, entre as quais a dum enfêrmo da segunda fila da frente, lado da Epístola, que, soltando queixumes abafados, por causa das violentíssimas dores que sofria, sentiu estas desaparecerem como por encanto, achando-se sùbitamente curado.

No dia 27 de Abril findo tinha tido uma congestão cerebral com hemiplegia consecutiva do lado direito.

Depois de ter dado a bênção do Santíssimo também a todo o povo em geral, o Venerndo Cardial Patriarca proferiu um eloquentíssimo discurso que foi ouvido no meio do mais respeitoso e profundo silêncio.

Momentos antes a Senhora Dr.ª D. Maria Guardiola lera o acto de consagração da Mocidade Feminina Portuguesa à Sagrada Família.

Depois, no átrio da igreja, ao cimo da escadaria do Rosário, os Venerandos Prelados formaram duas alas e traçaram ao mesmo tempo o sinal da cruz entoando a respectiva fórmula. A bênção dos Pastores caía assim sôbre a terra bemdita da Pátria como uma promessa das bênçãos do Céu, como um penhor seguro de paz e prosperidade.

De-repente surge no espaço uma esquadrilha de seis aviões que despejam flores em grande profusão sôbre o recinto sagrado.

Estão prestes a chegar ao seu têrmo as cerimónias oficiais.

Realiza-se a última procissão. Os Servitas transportam aos ombros o rico andor com a Imagem da Raínha dos Anjos. Um frémito de comoção e de santo entusiasmo percorre de lés a lés a imensa multidão que enche a Cova da Iria e trasborda pelas suas imediações. Milhares de lenços agitam febrilmente o ar saüdando a gloriosa Senhora Aparecida.

Cantado o «Adeus» à Virgem, os peregrinos começam a debandar.

Estava terminada a maior peregrinação nacional realizada até hoje ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

O Senhor Ministro das Colónias, em conversa com o Eminentíssimo Cardial Patriarca, sintetizava nestes termos as suas impressões que eram sem dúvida iguais às de todos os peregrinos:

— «Admirável! O espectáculo foi de assombro! De assombro e de infinita ternura!»

E o grande escritor Antero de Figueiredo, a pedido do enviado especial do jornal católico «Novidades», traduziu assim, genialmente e de modo original, os seus sentimentos:

— «Nossa Senhora da Fátima mora, corogràficamente, no coração de Portugal e, piedosamente, nos corações de todos os portugueses».

Visconde de Montelo

Um veneno tenaz no seu organismo é a causa do reumatismo

A acumulação dos cristais de ácido úrico nas articulações, sob a forma de cristais de pontas aguçadas, é freqüentemente a causa do reumatismo. Quando os joelhos e as mãos doem, ao mais leve movimento, quando as costas sentem picadas, estes cristais venenosos depositaram-se nos seus musculos e são a causa dos seus sofrimentos.

Os critais do ácido úrico são muito pertinazes e pràticamente insolúveis na água. São precisos mais de 4.000 litros de água para dissolverem 100 gramas dos referidos cristais. Dois dos sais que entram na composição de Kruschen, fazem com que os cristais do ácido úrico possam ser eliminados. Mas não é tudo, — outros sais dêste produto estímulam os rins a uma actividade regular. E assim que o venenoso ácido úrico pode ser expelido fàcilmente pelos canais naturais. Kruschen faz tudo isto de uma forma suave e natural.

Experimente tomar Kruschen durante um mês. Ficará surpreendido com os resultados da sua experiência. Acabam as dôres. Volta o bem estar onde sentia incómodos. Sentir-se-á melhor do que nunca.

Frasco grande Esc. 17$00, pequeno Esc. 10$00 em tôdas as farmácias.

REGULE A QUANTIDADE DE ACIDO DO SEU ESTOMAGO

É necessaria uma certa quantidade de acido no estomago. A digestão, para se fazer, carece deste acido,—a quimica organica fornece-o. Os alimentos precipitados, o trabalho dos escritorios, a falta de exercicios, tudo isto se combina para perturbar a mecanica do organismo. Em muitos casos a producção do acido é excessiva. D'aqui resultam as nauseas, as indigestões, a flatulencia, e outros incomodos gastricos. Quanto mais acido, tanto maior a sensação de desconforto. Existe só uma forma de evitar estes inconvenientes: *regular a quantidade de acido que deve existir no estomago.*

INDIGESTÃO AGUDA

COMEÇO DE DESORDEM DIGESTIVA

NORMAL

Regule a secreção de acido tomando Rennie depois das refeições. Quando ha excesso de acido, começa a indigestão.

As Pastilhas Digestivas Rennie conseguem este fim. Contêm antiácidos que neutralizam o excesso de acido— e outros ingredientes que asseguram a perfeita digestão. Torne um habito o tomar uma ou duas Pastilhas Rennie depois de cada refeição. Não tem necessidade de agua, chupam-se como caramelos.

PASTILHAS RENNIE

Regulam o acido do seu estomago

Imagens com um metro de altura a 300$00 só na Sacra Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 92 1.º E.do Lisboa.

para comprar atoalhados **LINHOS** panos ou enxovais

CONSULTAR E PEDIR AMOSTRAS

a João Gualdino Pereira, Suc.

Telef. 14 — GUIMARÃES

PREÇOS DAS FABRICAS

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte...	1.552.697$49
Franquias, emb. transportes, etc...	5.176$75
Papel, comp. imp. do n.º 188 (392.700 ex.)	17.724$63
Na Administração... ...	211$80
Total...	1.575.810$67

Donativos desde 15$00

Henriqueta Ferreira — Lisboa, esc. 15$00; António A. Ferro — Pernes, 50$00; P.e F. J. Gomes — América, 7 dólares; Joana Menezes — Pôrto, 20$00; Aida F. Tavares — Macau, 30$00; José Correia — S. João da Madeira, 20$00; P.e João Leitão — Aveiro, 20$00; Maria Florinda — Vinhais, 20$00; Emília de Carvalho Neves — Lisboa, 20$00; Júlia F. Bulcão — Califórnia, 2 dólares; Eduarda Sant'Iago — Canas de Senhorim, esc. 15$00; M.ª Adriana de Sant'Iago — Canas de Senhorim, 15$00; Clementina Esteves — Canas de Senhorim, 15$00; Gracinda de Sousa — Canas de Senhorim, 15$00; Ana Augusta Correia — Canas de Senhorim, 15$00; António dos Santos Vieira — Orlândia, 257$80; Henrique Elias — Lisboa, 100$00; Joaquina da C. Duarte — Óbidos, 115$00; Dr. Egas Moniz — Celorico de Basto, 20$00; C.º Ismael Guedes — Lamego, 30$00; Maria Amélia — Mirandela, 25$00; P.e Luís Rodrigues — Buenos Aires, 234$70; Perpétua Barradas — Ponte de Sôr, 50$00; Dr. Joaquim Paulo Nunes—Fundão, 20$00; M.ª Isabel Russo —Cabeço de Vide, 26$00; João do Vale Mexia — Tomar, 20$00; João Brum Silveira — Açôres, 70$00; Rita Barbosa — Rio Maior, 15$00; António da Costa — Eira, 20$00; Tecla da Boa-Hora — Paiol, 30$00; Isabel da Costa — Paiol, 30$00; Luísa de Almeida — Paiol, 45$00; N.º 4636 — Paiol, 20$00; Maria Amorim Pinto — Pôrto, 20$00; Albertina Vaz Pereira — Chaves, 40$00; Elisa de Jesus — Murtosa, 15$00; Augusto C. da Fonseca — Cevadelha, 80$00; Maria José Lopes — Lisboa, 15$00; Luísa Teixeira Borges — Lisboa, 20$00; Manuel Lourenço — Amêndoa, 20$00; Jorge Vareta — Tua, 15$00; Fernando Araújo Castro — Grijó, 50$00; Manuel Viana — Espozende, 20$00; Luísa M. Coelho — Pôrto, 20$00; José Inácio — Mafra, 20$00; Alice B. Rodrigues — Lisboa, 30$00; Manuel Vilarinho — Cambeia, 20$00; Henrique Fernandes — Setúbal, 50$00; Cecília Castro — Lisboa, 30$00; Pompeu Vidal — Lisboa, 30$00; Guilherme Carnide — Lisboa, 50$00; Dr. Sebastião de Almeida — Condeixa, 34$00; Maria Borges — Louzada, 15$00; Maria C. Dias — Lisboa, esc. 20$00; José F. de Almeida — Vimeiro, 15$00; António Araújo — Talhadas, 20$00; Odete Cabral — Estarreja, 20$00; Manuel R. Durão — Cabaços, 20$00; Graciano Palha — Cortegana, 20$00; Francisco Carvalhosa — Cortegana, 20$00; Francisco Tomás — Alenquer, 20$00; Sebastião Henriques — Alenquer, 15$00; Luís L. Abegão — Tramagal, 20$00; Júlia Leitão — Águas, 20$00; Rosalina da Fonseca — S. Miguel da Acha, 20$00; Américo de Queirós — Pôrto, 20$00; Inês Pessoa — Algés, 20$00; António H. Neves — Vila de Rei, 30$00; Albertina Queirós — Matozinhos, esc. 20$00; Anónima de Póvoa de Varzim, 25$00; António P. Lobão — Sande, 15$00; Luísa Ricoca — Ílhavo, 50$00; Amélia Amaro — Beira 1/2 libra; Eugénia Clímaco — Tôrres Vedras, 20$00; José L. Conde — Gafanha, 20$00; José Lima — Brasil, 15$00; Adelaide Canada — Rio Maior, 20$00; Maria dos Anjos Miranda — Coutada, 30$00; Maria Sofio Ermigeira, esc. 20$00; Manuel Pires — Rabaçal, esc. 20$00; P.e António Palhares — Lanhezes, 20$00; Natália de Magalhães — Lisboa, 20$00; Maria José Leiria — Faro, 15$00; Ana do Patrocínio Neves — Lisboa, 120$00; Adriano Pinto — Arouca, 20$00; Biatriz Anunciação — Lisboa, 20$00; Da freguesia de Tolhense, 51$00; António da Fonseca — Mesão Frio, 20$00; Isabel e Josefa de Sampaio, 105$00; Assinantes de Penápolis — Brasil, esc. 266$00; Teresa Raposo Violante — Coimbra, 100$00; Maria da Encarnação — Caparica, 20$00; Francisco Lagoa — Izeda, 20$00; Santuário do Sumaré — Brasil, 75$00; Manuel Caetano — Brejo, 80$00; António Faria — Gondarém, 25$00; Maria P. Moura — Matozinhos, 20$00; Ana Dias Cabrera — Lisboa, 50$00; Francisco Mendes — Vale Maior, 50$00; Lúcia Revocata — Belver, 15$00.

LA VIRGEN DE FÁTIMA

Está ainda na memória de todos o extraordinário triunfo de livraria alcançado pelo livro do sr. Antero de Figueiredo «Fátima».

Vai já na 9.ª edição portuguesa e estão vendidos cêrca de 10.000 exemplares.

De canto a canto de Portugal correu o livro.

Discutido, atacado, chorado, nenhum atingiu nos últimos tempos o renome da *Fátima* de Antero de Figueiredo.

Traduzem-lhe passagens jornais estranjeiros e, agora, ei-lo que sai vertido em língua castelhana por obra de um grande escritor — o Sr. D. José Andrés Vazquez, com o nome de «*La Virgen de Fátima*».

Do original mais do que nós, diz com singular eloqüência o êxito e os comentários entusiásticos de milhares de leitores sinceros.

Da graça da tradução não nos compete a nós falar. Queremos apenas aqui deixar duas palavras de parabéns ao autor, ao tradutor espanhol e ao editor pela óptima apresentação que o livro tem.

Deus queira que, levando aos nossos irmãos de Espanha a notícia da mensagem maternal de Maria Santíssima os afervore na devoção para com aquela que, no planalto da Fátima mais uma vez veio em socorro dos seus filhos queridos.

O livro que já está à venda pelo prêço de 5,50 pesetas foi apresentado oficialmente pelo tradutor editor e cônsul português em Sevilha a Sua Em.cia o Senhor Cardial Segura, Arcebispo de Sevilha que elogiou muito o livro, fêz as melhores referências ao Senhor Cardial Patriarca de Lisboa. Sua Eminência contou ainda como assistira em Roma a uma festa realizada no Colégio Português e afirmou que foi Nossa Senhora da Fátimaa que salvou Portugal.

A êle se referem vários jornais espanhóis entre os quais o A. B. C. e os jornais portugueses também se fizeram eco dessas referências.

Por tudo isto desde já auguramos ao *La Virgen de Fátima* em terras de Espanha um êxito igual ao de *Fátima* através da nossa terra portuguesa.

PEREGRINAÇÃO SEVILHANA À FÁTIMA

Segundo notícias particulares Sua Eminência o Senhor Cardial Segura, Arcebispo de Sevilha resolveu organizar uma peregrinação da Diocese de Sevilha à Fátima no dia 13 de Outubro, no caso de a guerra contra o comunismo ter acabado antes. Os Padres Dominicanos espanhóis acolheram a ideia com o maior entusiasmo.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

NOTA: — Não deve causar estranheza o facto de haver demora na publicação dos relatórios das graças enviadas à Redacção da «Voz da Fátima», porquanto, dispondo êste jornal de um espaço tão reduzido, e sendo tantos os pedidos de publicação, só passados alguns anos chegará a vez a cada um.

NO CONTINENTE

Numa carta enviada de Coimbra, pelo sr. Daniel Duarte pede-se a publicação do seguinte: — «Em 1920 e 1921 tive um tifo muito forte que me reteve na cama 5 meses, produzindo-me alguns tumores e feridas pelo corpo. Os pés incharam-me e pelas feridas deitavam muito pús, sendo até preciso cortarem-me um tendão junto com a pele do calcanhar esquerdo para melhor poder ser curado. Tôdas as feridas se foram cicatrizando, e, passados 3 meses, estavam saradas. Passado, porém, pouco tempo, o calcanhar esquerdo começou a doer-me e a inchar abrindo-se nele novamente um buraco por onde saía pús. Comecei de novo a curá-lo com alguns medicamentos e banhos de sol. Por vezes chegou a tapar, mas não se mantinha nêsse estado; ao primeiro esfôrço para andar abria outra vez! Assim andei por espaço de 3 anos mal podendo dar umas pequenas caminhadas, até que, um dia, me falaram das curas de N.ª S.ª da Fátima, e me ofereceram um bocadinho de terra e água da Cova da Iria, que eu amassei e apliquei sôbre a ferida.

Juntamente com minha família fiz algumas promessas e orações a Nossa Senhora, e passados 6 dias senti-me curado e comecei a andar bem. Passado um ano fui à Fátima agradecer a Nossa Senhora o benefício recebido, tendo feito a pé as viagens de ida e regresso desde a estação de Caxarias à Cova da Iria, com a maior alegria da minha vida.

Em cumprimento desta promessa e para honra de Nossa Senhora da Fátima, aqui lhe agradeço muito reconhecido esta e muitas outras graças por Ela alcançadas em meu favor.»

* * *

D. Cândida J. L. de Noronha — Leiria, diz que tendo-se sentido muito doente, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe uma novena a pedir-lhe a cura. No fim da novena, diz ter-se achado muito melhor.

* * *

D. Emília Rosa — S. Eulália, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima a cura de um grave sofrimento do estômago e bexiga. Não alcançando melhoras com os remédios humanos diz ter obtido a cura por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

* * *

P.e António Dias M. Ribeiro — Lordelo, obtivera por intercessão de Nossa Senhora da Fátima o desaparecimento de um grave incómodo de saúde. Agradecido por êste favor veio ao Santuário prestar as suas homenagens a Nossa Senhora e aqui deseja testemunhar publicamente o seu reconhecimento a tão boa Mãe.

* * *

D. Maria da Conceição — Estarreja, agradece também a Nossa Senhora da Fátima a graça da cura dum sofrimento corporal que muito a fazia sofrer.

* * *

D. Maria Ferreira — Arada, diz ter recebido por intercessão de Nossa Senhora da Fátima 2 graças, — uma espiritual e outra temporal, que aqui deseja agradecer.

* * *

Manuel Martins André — Cardigos, diz ter recebido por intercessão de N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal. Agradecida por tal favor, aqui manifesta o seu reconhecimento.

* * *

D. Maria Emília Brito — S. Eulália, vem agradecer uma graça que lhe fôra concedida em Abril de 1931.

Foi, diz, radiografada 3 vezes, sofrendo durante 7 anos terríveis cólicas de fígado. Feitas algumas promessas a N.ª S.ª da Fátima, obteve a cura que pedia e que hoje aqui vem agradecer.

* * *

Manuel Mendes Mata — Rio Torto, diz ter recebido de Nossa Senhora da Fátima uma graça importante, e pede para aqui manifestar o seu reconhecimento a N.ª Senhora pelo favor que do Céu lhe obtivera.

* * *

D. Maria da Conceição Rolo — Vila de Rei, igualmente se confessa agradecida a Nossa Senhora da Fátima por um favor recebido do Céu por sua maternal intercessão junto de Deus.

* * *

D. Aida de Matos Ferreira — S.ta Comba Dão, agradece a cura de duas pessoas amigas, curas que obteve por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a cuja misericordiosa bondade confiara êsses doentes.

* * *

D. Maria da Conceição Martinho — Olalhas, diz ter obtido a cura de uma doença muito grave, para obter a qual uma operação a que se sujeitara já, havia sido impotente. Agradecida, aqui publica êste favor.

* * *

D. Rosa Gomes — Póvoa de Varzim, em Agôsto de 1931 fôra operada. Passado algum tempo fôra-lhe dito ser necessária nova operação. Passados 3 anos, o médico tinha ainda a mesma opinião. Já sem esperanças nos remédios da terra, recorreu com uma novena a Nossa Senhora da Fátima a quem fêz algumas promessas. Passou pouco tempo sem que as melhoras se começassem a sentir e assim obteve a cura sem que tivesse de sujeitar-se a nova operação.

A mesma devota deseja agradecer um favor concedido a sua irmã Ana.

* * *

D. Maria Emília de Sá — Celorico da Beira, agradece a cura de um seu genro de Vila do Bispo, Algarve, que estando com uma congestão pulmonar, obtivera a cura no espaço de 5 dias, conforme havia pedido com a promessa da publicação da graça na «Voz da Fátima».

* * *

D. Rosa da Conceição — Braço de Prata — Lisboa, diz ter recebido 2 graças por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Reconhecida, deseja agradecer aqui tais favores à sua Celeste Protectora Nossa Senhora da Fátima.

* * *

D. Ana Maria — Serra de Tomar, e residente em **Lourenço Marques,** tendo sido desenganada de vários médicos que a trataram, recorreu a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e depois de uma novena melhorou de uma grave enfermidade. Enviou uma esmola em reconhecimento.

* * *

D. Maria José Martins Filipe Príncipe — Rua do Grilo — Lisboa, escreve dizendo o seguinte: — «A signatária vem dar muitas graças a Nossa Senhora da Fátima pelo grande favor que lhe fêz em a salvar da melindrosa operação a que foi submetida no dia 18 de Março de 1935 (extracção de um mioma) e que a reteve no leito até ao dia 13 de Maio seguinte, dia em que Nossa Senhora fêz a grande graça de lhe valer, tocando com a sua grande misericórdia o médico operador, para que, depois de uma minuciosa observação, lhe extraísse do ventre uma compressa que, por esquecimento, lhe havia lá deixado ficar na ocasião da operação». *(a)* Maria José Martins Filipe Príncipe.

* * *

D. Maria José Ferreira — Foz do Douro, diz: — «...Venho cheia de amor agradecer, como prometi, uma graça muito grande que Nossa Senhora da Fátima fêz a um meu sobrinho com quem vivo na companhia de seus bons pais. Aqui fica o agradecimento de tôda a família por êste grande favor de ordem temporal».

* * *

José Augusto de Almeida Chaves — Moledo de Castro Daire, diz ter sofrido horrìvelmente de um ouvido do qual chegou a estar completamentte surdo. Sem poder comer nem dormir pela violência das dores, voltou-se para Nossa Senhora da Fátima, fazendo-lhe algumas promessas. O seu socôrro não se fêz esperar. Passado pouco tempo começou a sentir-se bem o que já há muito tempo não acontecia.

* * *

D. Adelaide da Graça Miranda — Albergaria-a-Velha, com grande reconhecimento, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura de uma doença grave de que sofreu durante um ano. Mediante algumas orações e promessas a Nossa Senhora da Fátima obteve esta cura que reconhecida aqui deseja agradecer.

* * *

D. Isabel Amores Marreiros — Odeaxere — Algarve, com uma grave constipação quando ensinava catecismo às crianças, chegou a grave estado de fraqueza agravado pela tosse contínua. Como não via meio de melhorar recorreu a Nossa Senhora e ao Sagrado Coração de Jesus, e pouco depois sentia-se sem tosse e começava a fortalecer-se, recuperando em breve tôda a sua antiga energia.

* * *

D. Emília Augusta da Silva Paiva — Barqueiros — Douro, escreve pedindo a publicação do seguinte: — «Adoeceu em meados de Setembro, com uma bronco-pneumonia, o meu sobrinho Rui Paiva de Gusmão Araújo, de 12 anos de idade. Segundo a opinião dos médicos, o seu estado tornou-se desesperado, e, durante uma noite e um dia, o médico assistente esperou a cada momento que o nosso doentinho morresse. Na 2.ª noite, sua mãe e eu, lembrámo-nos de pedir a Nossa Senhora da Fátima que conservasse aquela vidinha tão preciosa e começámos uma novena. Eu prometi ainda ouvir missa e comungar no dia 13 durante 9 meses. Uma outra sua tia prometeu levá-lo, com tôda a família, ao Santuário da Fátima, em Maio. Várias pessoas amigas recomendaram também esta intenção a Nossa Senhora.

Após aquelas horas de crise, não houve mais alterações, e pela manhã, o pequenito, ao abrir os olhos disse com grande espanto do médico: — «bom dia, dr., estou melhor»... Efectivamente as melhoras foram-se acentuando, e... ei-lo completamente curado! Disse-nos o médico assistente que nunca tinha visto um doente chegar àquêle estado e escapar. É por isso que nós atribuímos êste favor a Nossa Senhora da Fátima, por cujo valimento êle foi curado».

NOTAS SÔLTAS

Os Senhores Bispos do Funchal, Açôres e Cabo Verde fizeram-se representar na peregrinação nacional pelo sr. Bispo de Leiria a quem enviaram um telegrama.

O sr. Cónego dr. Formigão, não podendo assistir, fêz-se representar.

* * *

Entre outras pessoas ilustres além dos Senhores Bispos estavam presentes Sua Ex.cia o Senhor Ministro das Colónias, o Senhor Sub-secretário de Estado da Guerra, os escritores Senhor Antero de Figueiredo e dr. Afonso Lopes Vieira, a Senhora D. Cesaltina Carmona Costa e filhos.

Havia larga representação da colónia espanhola.

* * *

Merece especial referência o facto de a Emissora Nacional ter radiodifundido no dia 12 uma reportagem sôbre a procissão das velas e tôda a primeira hora de adoração nacional e no dia 13 o côro falado da J. C. F. e a cerimónia final do transporte da imagem de Nossa Senhora para o altar ao alto da grande escadaria, missa e bênção dos doentes e procissão de recondução da veneranda imagem e *Adeus*.

É digno de nota que esta emissão da Emissora Nacional foi retransmitida por 7 outros postos de segunda categoria entre os quais — Rádio-Renascença.

Por êsse serviço da Emissora foi possível que a Nação inteira acompanhasse em espírito e com presença real as grandes solenidades da Fátima. Os aparelhos de rádio concentravam as atenções de tôda a gente.

* * *

De Roma escrevem-nos dizendo da comoção enorme ao ouvirem na Cidade Eterna as preces e cânticos da Fátima.

A ideia de que assim se uniam de tão longe à grande peregrinação nacional alegrava extraordinàriamente os portugueses de Roma.

E não foi apenas no Colégio Português e nas casas dos portugueses de Roma. No Seminário Francês seguiu-se com a maior atenção o desenrolar das cerimónias.

* * *

— Em Ílhavo as ruas estavam pejadas de gente diante dos aparelhos de rádio.

As ruas eram templos.

A gente ajoelhava e de joelhos no meio da rua, rezava cantava e chorava.

De muitas outras vilas e aldeias nos vem a notícia de gente que chora de comoção diante da rádio.

«A um que telefonava de Fátima durante as cerimónias dizendo que lhe vinham as lágrimas aos olhos respondia alguém de Lisboa.

Que admira que vocês, chorem a ver, se a gente só de ouvir se põe a chorar?»

Incrédulos e indiferentes choravam de comoção.

Em Leiria formavam grandes grupos à porta das casas que tinham aparelhos de rádio.

Em Braga repicam os sinos, as igrejas estão cheias de gente em oração.

Por Lisboa não se ouvia senão os cânticos da Fátima ou as notas sóbrias e graves dos comentários do locutor.

Ao Senhor Director da Emissora Nacional e ao pessoal que veio os nossos agradecimentos.

* * *

Segundo as informações da polícia das estradas passaram em direcção à Fátima nos dias 12 e 13 cêrca de 20.000 automóveis e camionetas.

EM BRAGA

Uma Congregação Mariana de N.ª Sr.ª da Fátima para intelectuais

No dia 13 de maio em união com os peregrinos da Fátima fundou-se em Braga na Capela do Apostolado da Oração, a primeira Congregação mariana de Nossa Senhora da Fátima para intelectuais.

Às 8 horas celebrou a Santa Missa o Rev. Dr. Ferreira Fontes, director da Congregação administrando a Sagrada Comunhão, aos ilustres Congregados fundadores.

Fizeram o seu acto de Consagração depois de um grupo escolhido de alunos do Seminário Conciliar ter executado primorosamente vários cânticos.

Eis a lista dos novos Congregados:

Dr. Luís Gonzaga de Assis Teixeira de Magalhães.

Dr. Francisco Fernandes Prieto, Reitor do Liceu de Braga.

Dr. José Maria Braga da Cruz, Deputado, Advogado e Notário.

Dr. José de Azevedo Moura, Professor do Liceu e da Escola Industrial e Comercial.

Dr. Francisco de Araújo Malheiro, Médico e Presidente da Câmara.

Dr. António da Conceição Laranja, Delegado do Ministério Público nesta comarca.

Dr. Agostinho Eduardo de Azevedo, advogado.

Dr. Jerónimo de Sousa Louro, Médico.

Eduardo Salazar Mourão de Campos, Agrónomo.

Dr. Alberto Queiroz, Proprietário e Capitalista.

Dr. Abílio de Araújo Regalo, Professor da Escola Industrial e Comercial.

Dr. António da Cunha Matos, Notário e antigo Director do nosso colega local «Correio do Minho».

Terminada a admissão, em breves comovidas palavras mostrou-lhes o piedoso Director que os laços de amor com que acabavam de prender-se a Maria Santíssima eram cadeias de salvação para a vida terrena e sobretudo para a vida eterna.

No fim, rematou-se êste acto com a bênção do SS. Sacramento.

Fazemos votos para que êste belo exemplo vindo da Roma portuguesa, seja seguido por outras cidades agrupando os intelectuais em volta da Virgem Santíssima — *sedes sapientiæ.*

EM ROMA

O dia 13 de maio foi celebrado no Colégio português com todo o esplendor.

Pela rádio assistiram e associaram-se à peregrinação da Fátima.

No dia 13 houve Missa solene assistindo o Sr. Ministro português junto do Vaticano e Família, duques de Cadaval, Colónia Portuguesa, etc..

A capela foi muito visitada por estranjeiros.

Palavras mansas

Tomar, lá no alto, é um miradouro histórico, que domina os mais largos e inspirativos horizontes... Com Gualdim Pais vê-se a reconquista a avançar, indissolùvelmente ligada à independência da nação; com o Infante vê-se o feito das descobertas, a prodigiosa expansão ultramarina.

Sagres é uma extensão de Tomar. É outro agora o rumo fulgurante da cruzada...

O estilo manuelino, que vai gravando na pedra a epopeia, entoa no convento de Cristo, em Tomar, o seu canto mais inspirado e belo. Sobe tão alto no pórtico lateral, que, no desenho, no recorte e no adôrno consegue ter equilíbrio, elegância e harmonia. Contém-se na tendência para o caprichoso, o exuberante e o estranho...

Serve de adorno a êsse portal esplêndido uma estátua perfeitamente inolvidável na atitude e na expressão. Vale a pena lá ir só para se ter o prazer de admirá-la. É a estátua de S. João que vê a Virgem-Mãe, predita por Isaías, lá no céu, vestida de sol e calçada de luar, com uma nitidez perfeita e num arroubo perene. Ver assim é já não ter mais que ver na terra...

Desce a tarde, impregnada de doçura e nostalgia. É o dia treze de Abril...

— Vamos à Fátima?... A voz que diz isto, naquele lugar e àquela hora, é uma voz de comando. Vamos lá.

A estrada vai cortando suavemente a terra quási simètricamente ondulada em tôdas as direcções. Campos verdejantes alternam com encostas e lombas profusamente arborizadas, por onde se espalha, com o sol poente, uma luz de maravilha...

Numa volta da estrada, descobre-se, lá no alto, a vélha Ourém, que está quási despovoada, para se ver melhor o conde de prodigiosa grandeza, que foi, seguidamente, em Portugal, condestável do reino e condestável da renúncia... Ruína, passado, história, solidão...

Parece que passou pelos **castelos de Ourém**, como diz o povo, o flagelo tremendo que desmantelou o Carmo. No que está ainda de pé, como que se erguem braços partidos que insistem em rezar a oração de Valverde...

A igreja nova da Fátima, de linhas tradicionais e discretas, diz, pouco depois, à nossa devoção religiosa e patriótica, que está perto a **Cova da Iria.** Chegamos.

Foram-se quási todos os romeiros, que deixaram o ambiente impregnado da sua fé e da sua saüdade. Mercê de Deus, posso com facilidade entrar na capela das aparições e ajoelhar junto da pequena grade.

Abriga-me a sombra da crespa azinheira sùbitamente transfigurada por uma luz de milagre... Ouço a Senhora a dizer a sua mensagem de compaixão e resgate, com uma voz mais doce do que a voz dum **anjo angelical,** como diz um vélho cronista... Tenho junto de mim as crianças, que rezam com a candura dos lírios que desabrocham nos montes e com uma fé quási tão viva como a chama do lar...

Morrer, depois de ver Nossa Senhora, é como que ficar, mesmo na morte e cá na terra, sempre a vê-la...

Comunica-se-me alguma coisa da fé alvoroçada e fremente com que a multidão, chamada pelas crianças, veio, de perto e de longe, pôr-se em contacto com o sobrenatural... Sinto que me invade e me domina o ambiente dos melhores dias da Fátima ambiente de desafôgo, de alívio, de paz e de confiança...

E rezo...

Venho de tão longe, ando tão triste, vivo tão só, preciso tanto do amor e do amparo da minha santa Mãe do céu!... Quantas e quantas vezes se terá dito isto, mesmo sem palavras, na capelinha das aparições, quantas e quantas vezes...

Como na mensagem da Senhora, há nas orações da Fátima, dum sabor tão novo e tão doce, um segrêdo que só a Ela fala, que só com Ela se abre e que só nEla confia...

Vi o hospital, o fontenário, a penitenciaria e, lá em cima, a igreja em construção, que até na cantaria vai marcando um lugar muito honroso entre as igrejas monumentais da nossa terra.

Quando morrer, daqui a muitos anos, o sr. Bispo de Leiria, como os bispos da Meia-Idade, que ergueram catedrais, deve ter na igreja monumental da Fátima uma **sepultura alta** com a sua estátua jacente, onde fique bem esculpido o báculo com que encaminhou o seu rebanho e traçou confiadamente o plano de grandes obras.

Correia Pinto

Crónica financeira

Portugal é dos países civilizados onde os analfabetos mais abundam. Não é porque o povo português seja incapaz de aprender a ler que os analfabetos são em grande número e também se não pode dizer que seja por descuido dos Governos que de há uns anos para cá se têm sucedido nas cadeiras do poder. Em proporção, o Govêrno Português está gastando com a Instrução Primária o mesmo sensìvelmente que gastam a França e a Bélgica, países onde não há analfabetismo. Se nestas duas nações há mais professores e mais escolas do que em proporção tem Portugal, ao ensino particular o devem que não ao Estado.

Também não é por falta de meios que em Portugal não há professores e escolas em número suficiente, porque há países relativamente tanto ou mais pobres do que nós, onde tôda a gente sabe ler, como a Suécia e a Noroega, por exemplo.

Porque será então que em Portugal há tanta gente que não sabe ler? As razões são várias, mas tôdas se reduzem a uma só, em nosso entender. O povo português não sente necessidade de aprender a ler, nem vê nessa prenda vantagens compensadoras do tempo que se gasta na escola. É neste êrro de visão que deve procurar-se a razão profunda do analfabetismo português.

A quási não existência do ensino primário particular é a prova provada do que acabamos de afirmar. Há em Portugal uma larga rêde de colégios e institutos particulares de ensino secundário, abrangendo tantos alunos como os liceus e não há, como lá fora, ensino primário particular em proporção. Porquê? Porque é que há ensino secundário particular e não há ensino primário?

É porque o ensino secundário tem uma finalidade que é dar ingresso nos cursos superiores, habilitar para certas emprêsas públicas, e ministrar uma soma de conhecimentos necessários para a educação mínima das classes médias. A população interessada neste ensino é suficientemente abundante e rica de meios para poder pagar do seu bôlso um ensino particular tão operoso como o do Estado.

Com a instrução primária não sucede o mesmo. A classe média compreende que os seus filhos precisam dum mínimo de cultura que abrange tôda ou grande parte da instrução secundária; o povo não se capacitou ainda de que os seus filhos precisam também dum mínimo de cultura que é saber ler, escrever e contar pelo menos. O povo só compreende a utilidade do trabalho manual e julga que só êsse é verdadeiro trabalho no que se engana muito.

O trabalho manual é feito com as mãos, mas é dirigido pela cabeça. Para trabalhar ùtilmente com as mãos é preciso primeiro saber trabalhar com a cabeça, para estar atento à obra e compreender o que se está a fazer. Ora o trabalhar com a cabeça só na escola se aprende convenientemente. É na escola que se aprende a estar atento e a entender o que se tem diante dos olhos.

A memória, a inteligência e a atenção é na escola que se desenvolvem. É portanto na escola que se aprende a trabalhar com a cabeça para depois ter cabeça para trabalhar convenientemente com as mãos.

A maior parte dos trabalhadores não estão atentos ao que fazem, trabalham de cor. A maior parte dos desastres do trabalho resultam da falta de instrução dos trabalhadores. E até os incêndios e outros sinistros resultam quási sempre de descuidos que não são mais do que faltas de atenção.

Na escola não se aprende só a ler, a escrever e a contar. Aprendem-se muitas outras coisas e sobretudo desenvolvem-se aquelas faculdades que distinguem o homem dos brutos irracionais. E isto vale muito mais do que saber ler, escrever e contar. A escola vale sobretudo porque apura a cabeça e lá diz o povo e muito bem, que é a cabeça que poupa as costas.

FLORINHAS DA FÁTIMA
JACINTA

— Episódios inéditos das aparições de Nossa Senhora —

Com êste título acaba de sair das oficinas da **Gráfica de Leiria** um opúsculo editado pelo Santuário da Fátima que vem lançar nova luz sôbre a vida da mais pequenina dos videntes — Jacinta Marto.

Dêsse livro que custa apenas 5$00, venderam-se na Fátima no dia 13 de Maio cêrca de 1.700 exemplares.

Jacinta que teve a honra de ser lido aos Ex.mas Senhores Bispos de Portugal reünidos na Fátima a fazer os seus exercícios espirituais arrancou lágrimas a muitos.

Não tendo tido tempo de o ouvir acabar de ler, Suas Ex.cias Rev.mas dignaram-se fazer uma reünião especial para terminar a sua leitura feita pelos Senhores Bispos em pessoa.

A primeira edição tem tido uma saída enorme e está já a preparar-se nova edição.

Com a devida vénia transcrevemos na íntegra o **Prefácio** que para a **Jacinta** se dignou escrever Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria.

Há 21 anos, não se ouvia sequer falar em Fátima. Por mim, confesso, ignorava que houvesse terra em Portugal com semelhante nome.

A Cova da Iria era um sítio ermo, pedregoso, onde vegetavam algumas azinheiras, carrasqueiras e oliveiras, animado, de vez em quando, pelas ovelhinhas a relvar nas penedias ou a comer a bolota que caísse das árvores...

Hoje, Nossa Senhora da Fátima é conhecida e amada, em tôdas as terras de Portugal.

Em Lisboa, devido ao zêlo incansável de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca, está a concluir-se um templo dedicado a Nossa Senhora da Fátima, o primeiro grande monumento, em estilo moderno, que se levanta em Portugal e que ficará a marcar uma data na história da arte do nosso país. Por todo o Império Português, vão surgindo igrejas, capelas e altares dedicados à Virgem da Fátima, não havendo cidade, vila ou aldeia, onde Ela não seja venerada, amada e invocada. Na Espanha, França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Lituânia, até junto da Rússia, está espalhado o seu culto.

Na África, não só em terras portuguesas como estranjeiras, muitas missões estão colocadas debaixo da Sua Protecção.

Na América do Norte, na Califórnia, nas Antilhas, na América do Sul, na Argentina e, sobretudo, no Brasil, construem-se Santuários em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Na Ásia, o culto da Santíssima Virgem da Fátima, irradiando principalmente de Macau, propaga-se pela Índia Inglêsa, pela China onde há igrejas em Sua honra, pelo Japão, pelas ilhas holandesas, etc.

Na Oceânia, ainda no ano passado, S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo de Macau, benzeu em Timor uma bela igreja com a invocação da Fátima.

Na Cova da Iria, levantam-se edifícios em honra da Senhora — hospital, Casas de Retiros e já surge, em linhas tão simples como esbeltas, a futura igreja que lhe será consagrada.

Quem fêz estes prodígios?

No orçamento português, Fátima não pesa e nada ainda se pediu a ninguém, para o Santuário.

Repito: quem fêz estes prodígios? — Nossa Senhora, realizando, mais uma vez, a predição de que tôdas as gerações a proclamarão bem-aventurada.

Como apareceu êste livro? perguntar-se-á.

Dos três videntes, não conheci os mais pequeninos. Francisco e Jacinta tinham falecido, quando tomei posse da Diocese de Leiria.

Quando da trasladação do caixãozinho de Jacinta, de Vila Nova de Ourém para Fátima, enviei uma das fotografias à Irmã Maria Lúcia de Jesus. Agradeceu-ma e, na sua carta, havia o seguinte trecho:

«Agradeço reconhecidíssima as fotografias. Quanto as estimo, não o posso dizer. Em especial a de Jacinta eu queria, mesmo à fotografia, tirar aquêles panos que a cobrem para vê-la tôda; estava como numa impaciência de descobrir o restante do cadáver, sem me dar conta de que era um retrato; estava meio abstracta, tal era a minha alegria de voltar a ver a mais íntima amiga de criança.

Tenho esperança de que o Senhor, para glória da Santíssima Virgem, lhe concederá a auréola da santidade. Ela era criança só de anos. No demais sabia já praticar a virtude e mostrar a Deus e à Santíssima Virgem o seu amor pela prática do sacrifício. À sua companhia devo, em parte, a conservação da minha inocência. E admirável como ela compreendeu o espírito de oração e sacrifício que a Santíssima Virgem nos recomendou. Quantas vezes, no meio da mais animada brincadeira, ela dizia: *agora não brincamos mais, fazemos êste sacrifício pela conversão dos pecadores.* Outras vezes, quando tinhamos a fruta nas mãos, dizia: *Não comamos, démo-la a um pobrezinho pela conversão dum pecador,* etc. Por estes e outros sem conto, conservo dela grande estima de santidade.»

Pedi-lhe então que escrevesse os pormenores do que se lembrasse. Obtida licença das suas Superioras, mandou-me uns apontamentos que o Rev. Dr. José Galamba de Oliveira, professor do Seminário de Leiria, ordenou, a meu pedido.

Publicam-se hoje, 13 de Maio, dia em que a Cova da Iria regorgita de fiéis vindos de tôdas as terras de Portugal, convidados pelos Ex.mos Prelados Portugueses, em cumprimento dum voto de reconhecimento e gratidão à Santíssima Virgem que nos tem protegido, duma maneira tão clara e evidente que é a admiração de todo o mundo.

Bemdita seja a Santíssima Virgem!

Da leitura dêste livrinho ressalta a acção da graça de Deus sôbre as almas dos pequeninos pastores, exemplo para todos, prova irrefragável da veracidade da Aparição, início da conversão de tantos, maravilha da graça divina maior do que todos os monumentos de pedra ou mármore que poderiam levantar a glória da bemdita Mãe do Céu.

Para sempre seja louvada!

Fátima (Cova da Iria), 13 de Maio de 1938.

† JOSE *Bispo de Leiria*

Tiragem da Voz da Fátima no mês de Maio

Algarve	5.869
Angra	19.886
Beja	3.856
Braga	88.250
Bragança	14.957
Coimbra	17.198
Évora	5.476
Funchal	18.894
Guarda	25.574
Lamego	13.566
Leiria	17.391
Lisboa	11.421
Portalegre	11.101
Pôrto	61.798
Vila Real	31.728
Viseu	11.161
	358.126
Estranjeiro	3.735
Diversos	30.839
	392.700

FALA UM MÉDICO

XXVI

Esta vida são dois dias

Já lá vão dois anos (como o tempo voa!) já lá vão dois anos depois que o Reverendíssimo Senhor Bispo de Leiria me encarregou de escrever estes artiguinhos de vulgarização higiénica.

Três condições impôs o Rev.mo Prelado: que os artigos fôssem curtos; que tôda a gente os entendesse; e que não contrariassem as doutrinas da Igreja Católica. Se cumpri ou não as determinações que me foram feitas; di-lo-ão os leitores.

Supõe-se erradamente que outrora a vida era mais longa que hoje. Não é assim: os progressos da medicina preventiva afastaram os perigos das grandes mortandades provocadas pelas pestilências e, quem seguir à risca os ditames da higiene, pode evitar muitas doenças e afastar, por isso, a hora da morte.

Segundo estatísticas bem deduzidas, a duração média da vida humana, há duzentos anos, não passava dos 28 ou 29 anos; no princípio do Século XIX, o homem vivia em média 37 anos.

Com os progressos da higiene, devidos sobretudo às descobertas de Pasteur, tal média passava para 40 anos em 1850, para 46 em 1911, e hoje podemos considerar os cinqüenta anos a duração média da vida humana.

Segundo as tábuas da mortalidade na cidade de Lyon em 1935, tirando a mortalidade infantil no primeiro ano da vida, a duração média da vida atingiu cinqüenta e sete anos!

Êste resultado é devido, incontestàvelmente, ao facto de terem sido quási vencidos pela higiene os grandes flagelos epidémicos, tais como a peste, a cólera, o tifo, a varíola, a febre tifoide, a febre amarela, etc.

Vê-se, pois, que esta vida não são apenas dois dias, como o povo, tão pessimista, julga.

Muito mais longa seria, se o homem fôsse mais moderado nos seus actos, e se tivesse as virtudes da sobriedade e da continência.

Devemos tentar prevenir as doenças evitáveis e, quem atingir idade avançada, pode ainda prolongar a vida, comendo pouco e procurando um regime tranqüilo, com longos sonos reparadores.

Cumprindo os preceitos da higiene, que estão perfeitamente de acôrdo com os da Igreja, podemos afastar por algum tempo a hora incerta que marcará o têrmo da nossa passagem por êste mundo.

P. L.

Este número foi visado pela Censura

Como uma medalha de N.a Senhora da Fátima foi salva da terra dos comunistas

Não tem filhos varões que mande para a frente de batalha o tradutor do «*Fátima*» mas tem um sobrinho que — 17 anos apenas — se fêz *requetè*.

Voltou da frente a curar-se e ao encontrar o tio, conta êle mesmo:

«Trouxe-me um comovente obséquio. Trouxe-me nada menos que uma medalha de Nossa Senhora da Fátima, já meio gasta.

Nada sabia, nem sabe que eu me estou ocupando de Nossa Senhora da Fátima, da expansão das suas graças e, contudo, aqui está a medalha.

Diz-me Carlos que lha deu em sinal de agradecimento pelas piedosas atenções que com ela teve uma pobre mulher portuguesa que conseguiu deixar a zona vermelha e livrar-se do miliciano que a detinha e que exclamou, ao chegar à zona vermelho e ouro:

— *Louvada seja Nossa Senhora! Agora poderei dizer com liberdade: Bendito seja o nome de Deus!*

Aqui está a medalha, bela, singela, desgastada talvez pelos beijos de uma alma atribulada e crente que rogou pela sua liberdade e a obteve.

É a primeira imagem de Nossa Senhora da Fátima que chega à minha casa.